

Polêmicas discursivas: refrações da palavra do outro na arena do *Roda Viva* / *Discursive polemics: refraction of the word of another in the arena of Roda Viva*

*Simone Ribeiro de Ávila Veloso**

RESUMO

Contemporâneo ao processo de reabertura democrática no Brasil, o programa *Roda Viva* delineou-se como um espaço de interlocução entre vozes institucionais de referência. Considerando apenas as edições veiculadas *ao vivo* com entrevistados cientistas e acadêmicos, o presente artigo tem como objetivo analisar, sob a perspectiva bakhtiniana, as polêmicas abertas e veladas instauradas entre os discursos empreendidos por tais locutores e outros discursos que circulam em outras esferas. Para tanto, selecionamos um *corpus* representativo de duas dessas edições.

PALAVRAS-CHAVE: Polêmicas discursivas; Esferas; Divulgação científica

ABSTRACT

Contemporary to the democratic process reopening in Brazil, the Roda Viva program was outlined as a space for dialogue between institutional reference voices. Considering only the issues aired live with scientists and academics interviewed, this article aims to analyze, in the Bakhtinian perspective, the overt and covert polemics introduced between the speeches made by these speakers and others discourses that circulate in other spheres. For this purpose, we selected two representative issues.

KEY-WORDS: *Polemics discursive; Spheres; Scientific vulgarization*

* Doutoranda da Universidade de São Paulo - USP/CAPES, São Paulo, São Paulo, Brasil; simoneribeirovls@linkbr.com.br

Introdução

Menos de um ano após o término oficial do regime de exceção, o programa *Roda Viva*, produzido pela TV Cultura¹ e *corpus* de nossa pesquisa, configurava um espaço de interlocução caracterizado pela presença de vozes de referência oriundas das mais variadas esferas de atividade humana. Neste artigo, considerando apenas as edições veiculadas ao vivo com entrevistados cientistas e acadêmicos, nosso propósito é tecer análises cujo recorte temático concentre-se na imbricação entre os saberes advindos do campo dos entrevistados e aqueles que circulam em outras esferas. Para tanto, delimitamos nosso enfoque investigativo ao estudo de dois fenômenos discursivos: as polêmicas aberta e velada. Em outras palavras, nossa pesquisa visa observar a palavra do outro em uma relação de dissonância com a palavra do eu.

Dessa forma, dividimos o presente artigo em três momentos: no primeiro, serão ressaltados aspectos teórico-metodológicos que norteiam a abordagem científica de tais fenômenos; no segundo, empreenderemos uma análise de duas edições representativas das décadas de 1980 e 1990 e, por fim, destacaremos nossas considerações finais.

1 Um recorte teórico-metodológico

Se a perspectiva sociológica do Círculo de Bakhtin compreende os limites da concretude semântica da palavra/discurso na sua necessária inter-relação com o contexto sócio-histórico (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004[1929]), entendemos que a presença do outro na fala do eu, evidenciada por inter-relações dissonantes como as polêmicas aberta e velada (doravante PA e PV), deve ser entendida não como manifestações da psique humana, porém como fenômenos discursivos que descortinam posicionamentos sócio-ideologicamente situados. Assim, o levantamento de aspectos do horizonte social amplo mostra-se relevante para a compreensão desses fenômenos, bem

¹ Emissora pública paulista criada pelo líder udenista brasileiro Roberto de Abreu Sodré, em 1965. Alinhada com as aspirações ideológicas inerentes ao projeto de integração nacional, o então governador de São Paulo empreendia a criação, em 1967, da Fundação Padre Anchieta, entidade de direito privado, com o propósito de administrar a recém-criada TV Cultura (TV-2).

como outros pertinentes à situação imediata de interlocução, cujos interactantes configuram-se igualmente vozes públicas representativas de lugares institucionais.

Por outro lado, a perspectiva dialógica implica o estabelecimento de uma abordagem analítica que considere categorias discursivas capazes de estabelecer contornos teórico-metodológicos que diferenciem cada um desses fenômenos. Nossa proposta objetiva articular ambas as perspectivas, evidenciando-as como imprescindíveis para análise dos enunciados concretos.

Na subseção seguinte, consideraremos, brevemente, alguns aspectos relevantes constitutivos da trajetória teórico-metodológica que fundamenta nossas análises.

1.1 A palavra do outro como objeto de contestação

Integrante de um projeto de pesquisa, cujo interesse analítico se pauta pela observação das relações dialógicas polêmicas empreendidas entre o discurso da ciência, representado pela fala de cientistas e acadêmicos, e outros discursos que circulam em outras esferas, especialmente a jornalística, esse estudo visa encontrar respostas para a seguinte pergunta: quais discursos são refletidos e refratados nessas duas edições do programa *Roda Viva*, veiculadas nas décadas de 1980 e 1990?

Para respondê-la, consideramos o quadro metodológico proposto por Bakhtin (2008 [1963]) que, ao conferir variados graus de presença da palavra do outro na fala do autor, explicita a variedade discursiva denominada *polêmica velada* (PV) em que “a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, mas este discurso a leva em conta e a ela se refere” (Bakhtin, 2008 [1963], p.223). Em outras palavras, inicialmente é preciso considerar que, ao lidarmos com esse tipo de polêmica, o discurso do outro não se apresentará explicitamente no discurso do autor, porém o influenciará ativamente, apesar de se encontrar fora de seu escopo. Destacamos a complexidade dessa *refração*² *discursiva*, cujo teor de imbricação entre a palavra do eu e do outro, a despeito de não se constituir de modo explícito, configura-se pelo

² Em física, o termo “refração” designa mudança de direção de um feixe de luz que transpassa de um meio transparente para outro igualmente translúcido, mas que apresenta velocidade da luz diferente do primeiro. Concebemos o termo “refração discursiva” a partir da ideia de que um discurso, compreendido no processo de interação verbal, sofre alterações de acordo com a esfera de circulação, gêneros discursivos, posicionamentos axiológicos dos interlocutores, etc.

tangenciamento semântico contrastivo entre ambos os discursos, tangenciamento que decorre da avaliação de determinado objeto de sentido. Ou seja, o embate discursivo se instaura por meio do conteúdo semântico-objetual, de modo que o discurso do outro se apresenta subentendido. Dessa forma, um mesmo objeto de sentido arregimenta diferentes posicionamentos axiológicos por meio de uma bivocalidade ou plurivocalidade, uma vez que é possível haver várias perspectivas avaliativas acerca do referido objeto. É o que chamamos *bivocalidade semântica contrastiva*.

Entretanto, quando a refração discursiva dissonante não ocorre por meio desse objeto, a bivocalidade polêmica se constitui pela tomada da palavra alheia como base de contestação. Trata-se da *polêmica aberta* (PA), cujos contornos linguísticos do discurso refutado emergem de modo evidente na fala do autor, por meio, por exemplo, do discurso citado indireto, nomeação, uso de advérbios de negação, conjunções adversativas.

Compreendemos que tais fenômenos discursivos (PA e PV) não devem ser considerados de modo isolado no processo de interlocução. Ambos inter-relacionam-se dialogicamente, de modo que é possível haver PA com tons de PV e PV com tons de PA. Ressaltamos, igualmente, que as posições sociais assumidas pelos interlocutores não apenas em suas respectivas esferas de atuação, mas também no gênero discursivo – programa televisivo de entrevistas veiculado em TV pública aberta para um público de não especialistas – são determinantes da constituição dessas refrações discursivas.

Assim, entendemos que tais tonalidades polêmicas emergem em enunciados, cuja concretude semântica se delinea, inclusive, por elementos verbais e não verbais circunscritos ao contexto da situação imediata de interlocução. Nesse sentido, Volóchinov (1981 [1926]) apresenta um quadro teórico-metodológico que viabiliza nossas análises: considera o horizonte espacial comum aos locutores (unidade de lugar visível), bem como o conhecimento e a compreensão da situação igualmente comum aos mesmos e, por último, a avaliação que fazem da situação de comunicação. Constatamos que o acréscimo desse último aspecto na relação com os anteriores, implica considerar a palavra um lugar de consenso, passível de dissenso.

2 Da transição democrática à estabilidade econômica

O depoimento de Valdir Zwetsch, então diretor de jornalismo da TV-2, em 1986, ano da criação do programa *Roda Viva*, sinaliza a intencionalidade discursiva que compunha a emergência do mais antigo espaço de entrevistas da TV brasileira:

[...] Agora, como é que vai ser esse programa? Bom, a ideia melhor é a seguinte, como nós vamos, assim, a gente quer ter visibilidade, uma coisa que cumpre com esse papel é fazer uma espécie de uma entrevista coletiva. Porque a gente vai poder selecionar os entrevistadores. Então nós não precisamos nos limitar aos profissionais do jornalismo que temos aqui dentro. A gente vai buscar na mídia aqueles que *se consideram* profissionais que possam *botar contra a parede* o entrevistado. *Primeiro time com primeiro time* (grifos nossos) [...] (LIMA, 2008, p. 186).

Considerando que um dos principais objetivos do programa pautava-se pela presença de entrevistados que se constituíssem em vozes de referência nas suas respectivas áreas de atuação, o ato de “selecionar” entrevistadores que “se consideram profissionais que possam botar contra a parede o entrevistado” configura-se revelador do propósito de se instaurar um lugar privilegiado de interlocução polêmica entre figuras públicas de alta credibilidade e notório saber.

Tendo em vista tal intencionalidade, analisamos, a partir de então, duas edições representativas das décadas de 1980 e 1990. Na seção seguinte, focalizaremos aquela veiculada em 14 de dezembro de 1987, com o cientista político Herbert de Souza e, na seção subsequente, consideraremos outra, produzida e divulgada em 12 de fevereiro de 1996, com o filósofo José Arthur Giannotti³. Por fim, entabularemos nossas considerações finais.

2.1 Polêmica aberta contra discursos oficiais

A ascensão de um governo civil após cerca de vinte anos de ditadura não implicaria, necessariamente, a garantia do cumprimento de direitos civis no Brasil. Ao

³ O leitor poderá encontrar a transcrição integral dessas entrevistas no site www.rodaviva.fapesp.br.

contrário, os anos que precederam o surgimento da atual Constituição Brasileira reverberavam um clima de descontentamento em relação às lideranças governamentais, concatenadas em torno da figura do então presidente José Sarney que, a despeito da precariedade dos serviços públicos e inflação galopante, bradava o seu lema: “Tudo pelo social”. É nessa atmosfera política e social agravada pelos recorrentes casos de contaminação pela Aids que a edição do programa *Roda Viva* foi produzida e veiculada *ao vivo* pela TV-2 paulista em 14/12/1987. Considerando a situação imediata de interlocução, constatamos a presença de entrevistadores oriundos de quatro campos de atividade humana: 1) jornalística (*Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Jornal do Brasil e Globo Rural*); 2) acadêmica (presença de professora de Sociologia da Universidade de São Paulo); 3) estatal (médico do Hospital Emílio Ribas) e 4) esfera superior da ideologia do cotidiano⁴ (representada pela líder do Centro dos Hemofílicos de São Paulo).

Decorridos os minutos iniciais da apresentação do programa, bem como dos entrevistadores e convidado, o mediador, jornalista Antonio Carlos Ferreira, considerando a problemática social de contaminação da Aids, bem como o fato de o próprio entrevistado ter contraído a doença por transfusão de sangue, inicia o processo de interlocução por meio da seguinte pergunta:

Antônio Carlos Ferreira (mediador): (...) Betinho... eu sei que as estatísticas da contaminação de hemofílicos pela Aids são teRRÍveis... você poderia... poderia nos dar um balanço desse quadro?

Herbert de Souza (cientista político): Eu posso lhe falar mais especificamente do quadro do Rio de Janeiro... temo que o quadro não seja TÃO diferente no resto do Brasil...no Rio de Janeiro... existem mil cento e cinquenta hemofílicos cadastrados... destes... seTENta por cento estão contaminados pela Aids...

Antônio Carlos Ferreira (mediador): E como foi que aconteceu esse *deSASTre*?

Herbert de Souza: *Esse desastre* tem muitas origens e muitas *causas... a primeira causa é a ausência quase absoluta... quase poderíamos dizer absoluta do controle da qualidade de sangue na história nossa*

⁴ Bakhtin/Volóchinov (2004 [1929], p. 118) denomina “ideologia do cotidiano” a atividade mental centrada na vida cotidiana, distinguindo-a dos sistemas ideológicos instituídos. Tal ideologia é considerada em níveis determinados pelo contato que mantém com tais sistemas: quanto mais próximos, mais organizados e sensíveis às ideologias constituídas. O distanciamento dessas lhes configuraria um caráter desordenado.

do Brasil... o sangue que é uma coisa tão vital... tão importante... é comercializado... ele é tratado como mercadoria de uma forma absolutamente criminosa...(...) apesar do discurso oficial de falar que existe controle do sangue no Brasil... não menos que setenta por cento dos bancos de sangue no Brasil NÃO fazem controle... teste para essas enfermidades... (...) [fragmento 1]

Com o propósito de analisar o predomínio de PA, identificamos três categorias linguísticas: *adjetivação/nomeação*; *discurso citado indireto e uso de conectivo de valor concessivo*; bem como a *entonação* que, de acordo com a perspectiva do Círculo de Bakhtin, configura-se elemento que expressa um posicionamento axiológico, e os *gestos*. Constatamos que já na pergunta inicial o mediador mobiliza o adjetivo “terríveis” para caracterizar as estatísticas de contaminação de hemofílicos pela Aids, fato que instaura uma orientação polêmica – de tonalidade velada –enfazada pela entonação - uma vez que o jornalista concentra-se em analisar o objeto semântico “estatísticas de contaminação de hemofílicos”. Na pergunta seguinte, o mediador denomina “desastre” a informação apresentada pelo entrevistado de que 70% dos hemofílicos cadastrados do Rio de Janeiro estão contaminados pela Aids. A entonação enfática atribuída a esse termo revela indignação, espanto, surpresa. Compreendemos que, em tal enunciado, mantém-se a orientação polêmica velada, pois o mediador, representante da emissora pública, restringe sua avaliação aos dados estatísticos. A mesma denominação é utilizada pelo entrevistado, que revela um compartilhamento de valores quanto ao mesmo dado levantado. Entendemos que subjaz a essa denominação aspectos contextuais como ausência de políticas públicas de saúde eficientes.

No plano linguístico, a PA torna-se evidente na fala do entrevistado pelo uso do conectivo “apesar de”, de valor concessivo, que instaura uma polêmica aberta contra o discurso oficial sobre saúde pública, mais especificamente em relação ao discurso governamental que defendia a existência de controle dos bancos de sangue no país. Entendemos que tal conectivo articula-se semanticamente – e numa relação de forte oposição – ao sujeito da sentença posterior – “... não menos que setenta por cento dos bancos de sangue no Brasil não fazem controle...”. Oposição que se caracteriza pela inserção de um dado estatístico que desqualifica o discurso oficial. PA reiterada pela entonação enfática no advérbio de negação. Outra evidência é o próprio discurso citado indireto, sinalizando a tomada do discurso oficial como objeto de refutação.

Observamos, ainda, que resposta do entrevistado concentra-se na avaliação do conteúdo objetual “ausência do controle da qualidade de sangue no Brasil”, atribuindo-lhe o caráter de “primeira causa” do que se chamou “desastre”. Do ponto de vista linguístico, essa informação antecede a PA instaurada pelo cientista político que denomina “criminosa” a forma como o controle de sangue ocorre no Brasil. Em outras palavras, a PA com tons de PV se circunscreve pela relação dialógica que uma mantém com a outra, ou seja, o valor semântico polêmico aberto presente no discurso citado indireto só complementa seu sentido pela inserção antecipada da PV inscrita no conteúdo “ausência do controle da qualidade de sangue no Brasil”, empreendida pelo mediador.

Constatamos, dessa forma, que há toda uma trajetória política engendrada no e pelo horizonte social amplo que autoriza o entrevistado a desenvolver a PA contra os discursos oficiais sobre saúde pública: ferrenho defensor da democracia, o entrevistado embrenhara-se em diversos movimentos contra o regime de exceção. É preciso ressaltar que, a despeito da PA ser instaurada pelo cientista político, a relação dialógica que essa mantém com PV mobilizada pelo mediador contribui para a construção de um revestimento polêmico aberto contra tais discursos oficiais. Destaca-se igualmente que a escolha do entrevistado se constitui em um posicionamento, no mínimo, revelador de inquietação, por parte do enunciador do *Roda Viva*, frente às vozes oficiais da Nova República.

Na subseção seguinte, consideremos uma breve análise da edição do *Roda Viva* produzida igualmente ao vivo em 12 de fevereiro de 1996.

2.2 O papel do intelectual como foco de polêmicas veladas

Se o horizonte social amplo inerente ao programa veiculado em 1987 compunha um quadro sociopolítico que suscitava contestação explícita aos discursos oficiais, a eleição de Fernando Henrique Cardoso, em 1994, a despeito dos graves problemas sociais existentes, possibilitava a estabilidade econômica por meio do Plano Real.

Dessa forma, considerando o programa realizado ao vivo em 12 de fevereiro de 1996, com o ex-companheiro acadêmico de FHC, José Arthur Giannotti – ambos

fundadores do CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, em 1969 – constataremos o oposto: PV com tons de PA por meio do conteúdo semântico objetual: “papel do intelectual na sociedade contemporânea”, focalizado pela perspectiva de interlocutores advindos de quatro esferas de atividade: 1) jornalística (*Folha de S. Paulo* e *Gazeta Mercantil*); 2) política (esquerda social, representada por José Genoíno); 3) acadêmica (cientista político e pesquisadora do CEBRAP) e 4) literária (presença de Gerardo de Melo Mourão).

Após a abordagem do tema “sentido valorativo da política” refratado de acordo com posicionamentos axiológicos de duas esferas, a filosófica (pelo entrevistado) e a política (pelo deputado José Genoíno), a pesquisadora do CEBRAP, Ester Hamburger empreende uma articulação entre esse tema e a proposição de um outro: o papel do intelectual na sociedade contemporânea. Os trechos a seguir foram selecionados com o propósito de evidenciar três diferentes avaliações acerca do mesmo objeto de sentido:

Ester Hamburger (pesquisadora): Aproveitando que você está falando aí sobre política... uma vez quando eu estava prestando o concurso de bolsista do CEBRAP você me perguntou se o intelectual tem uma missão... eu aproveito agora pra te retornar a questão... o intelectual tem uma missão social...? (...)

José Arthur Giannotti (filósofo): (...) Os filósofos têm sim uma missão... isto é... recuar e procurar as margens da (cientificação?)(...)

Fernando de Barros e Silva (jornalista da Folha de S. Paulo): Giannotti... deixa eu tornar isso mais concreto... nós temos um intelectual na presidência da república e:: eu queria saber de você... qual a função que os intelectuais devem assumir... você se lembra... quando Fernando Henrique foi eleito... houve uma debandada de intelectuais pro governo... atraídos pelo governo... e *você falou... eu não sabia que eles gostavam tão pouco do que faziam... não é... abandonaram a vida acadêmica e foram pro governo... você:: preferiu continuar... /enfim...(...*

José Arthur Giannotti (filósofo): Veja bem... o::/ quem está no governo é um intelectual que há muito tempo está fazendo política e ele faz política como político...(...) [fragmento 2]

(...)

Daniel Pizza (editor de Cultura da Gazeta Mercantil): Eu queria fazer uma pergunta ainda nessa interface entre política e filosofia mas por um outro vetor... por um ângulo mais pessoal... o seu último livro *A apresentação do mundo*... ele provocou muita reação no sentido de:: que ele traz uma espécie de:: mudança de parâmetro no seu pensamento... quer dizer você se celebrizou por pensar o trabalho... a

alienação do trabalho... enfim... questões é:: é:: muito ligadas ao pensamento marxista... e agora o senhor tá se detendo mais sobre problemas sobre a filosofia da linguagem... e Wittgeinstein... tudo... mas... pra resumir toda a história... qual a diferença do Giannotti dos anos sessenta... setenta e o atual?

José Arthur Giannotti (entrevistado): Bom... essa questão de saber qual a diferença do Giannotti do anos sessenta e o atual a meu ver é uma questão que:: é difícil ser respondida pelo Giannotti que está aqui... (...)

Fernando de Barros e Silva (jornalista da Folha de S. Paulo): Deixa eu retomar o que o Daniel disse por outro ângulo... o outro amigo seu o Roberto Schwarz publicou recentemente um artigo na Folha analisando é:: a experiência de leitura do *Capital* que vocês fizeram... você ... o Fernando Henrique... ele próprio... e um dos pontos cegos dessa leitura que ele aponta... apontava... seria um caráter desenvolvimentista desse marxismo uspiano... ou seja... vocês estariam mais preocupados em achar uma solução pro Brasil... uma preocupação teórico mas pragmática... enfim... uma coisa com um:: um:: um escape político... do que fazer a crítica do capitalismo... que seria obviamente o que é:: motivava o Marx... você concorda com essa análise do Roberto e:: e:: como eu acho que a resposta é não... eu queria que você falasse do seu livro... porque o trabalho com a reflexão é uma tentativa de fazer a crítica do capitalismo contemporâneo... talvez uma tentativa mais ouSada da filosofia brasileira... então... como você vê a análise que o Roberto faz da experiência da sua geração? [fragmento 3]

Oliveiros S. Ferreira (cientista político): Ah... desculpe... vocês estudaram Marx e foram à prática ou ficaram na teoria?

José Arthur Giannotti (filósofo): Quem nós?

Oliveiros S. Ferreira (cientista político): O grupo que estudou O *Capital*... eu sei que um foi à prática... e o desaconselhei ((risos))

José Arthur Giannotti (filósofo): Veja bem...

Oliveiros S. Ferreira (cientista político): Me parece que nenhum mais de vocês foi à prática...

José Arthur Giannotti (filósofo): Que prática...?

Oliveiros S. Ferreira (cientista político): A prática que transforma o mundo...(...) [fragmento 4]

Consideramos, nesse momento, uma plurivocalidade discursiva caracterizada pelo que denominamos “bivocalidade semântica contrastiva”, evidenciada pelo imbricamento, nesse caso, de três vozes com três diferentes posicionamentos discursivos acerca do mesmo conteúdo semântico “papel do intelectual na sociedade contemporânea”, configurando a instauração da PV:

Papel do intelectual		
<i>Perspectiva filosófica</i>	<i>Perspectiva teórica</i>	<i>Perspectiva prática</i>
Transcender os fatos, “recuando e procurando as margens da cientificação” (apresentada pelo entrevistado)	Defende a não imbricação entre teoria e prática política (defendida pelo jornalista da FSP)	Defende a imbricação entre teoria e prática política (defendida pelo cientista político)

Verificamos que essa bivocalidade semântica contrastiva, caracterizada pelo imbricamento de três diferentes perspectivas axiológicas acerca do mesmo objeto de sentido (papel do intelectual na sociedade contemporânea), é sinalizada, inicialmente pela inserção de PA mobilizada pelo articulista da FSP, Fernando de Barros e Silva, por meio de discurso citado indireto, que porta para dentro de seu próprio discurso uma fala do entrevistado realizada em outro contexto enunciativo (momento em que FHC fora eleito). O que nos chama atenção é que o jornalista não toma esse discurso (do filósofo) como objeto de refutação, mas como voz de autoridade para refutar os discursos daqueles que “abandonaram a vida acadêmica e foram pro governo”. Refutação que se constrói pelo conteúdo semântico da fala de Giannotti e destacada por Barros e Silva: “...eu não sabia que eles gostavam tão pouco do que faziam...”. A mobilização dessa PA contribui para construção de sentido da perspectiva que chamamos teórica, cujo foco avaliativo defende a não imbricação entre teoria e prática, perspectiva que se evidencia mais claramente no fragmento 3, quando a “releitura” da fala do jornalista da Gazeta Mercantil, Daniel Pizza, é empreendida pelo articulista da Folha de S. Paulo por meio do discurso citado de outro intelectual, o crítico Roberto Schwarz. No momento em que Barros e Silva ressalta a avaliação do Schwarz demonstra coadunar-se com tal posicionamento, refratando por meio da polêmica aberta os discursos daqueles que defendem a priorização de uma abordagem pragmática dos estudos desses intelectuais.

Por outro lado, se a perspectiva filosófica defende uma atitude de “recolhimento”, procurando “as margens da cientificação”, a perspectiva prática assumida pelo cientista político Oliveiros S. Ferreira compreende um posicionamento axiológico inverso à teórica, evidenciada no fragmento 4. O fato de Oliveiros dizer que “um foi à prática”, numa eventual referência a Fernando Henrique Cardoso, e que o “desaconselhou”, demonstra uma fala imbuída de uma orientação social que, além de

sinalizar uma trajetória sociopolítica próxima a do então Presidente da República, se auto denomina “conselheiro”, com autoridade o bastante para indicar certas ações a serem seguidas. O “desaconselhamento”, nesse sentido, reverbera, mais do que a negação da prática política, explicita uma voz que, ao mobilizar seus saberes acerca ciência política, se vê capaz de projetar alternativas de trabalho para os intelectuais mais próximos.

Assim, é possível observar que o contexto social amplo é refletido e refratado no processo de interlocução, engendrado no programa de 1996, momento em que FHC, a despeito de viabilizar a estabilidade econômica, deparava-se com os abismos de desigualdades sociais no país. Nesse sentido, o imbricamento polêmico velado entre três perspectivas axiológicas acerca do mesmo objeto de sentido resvala pelos diversos posicionamentos acerca da própria condução político-econômica no país. Em todo caso, é preciso considerar que nesse programa de 1996 emerge maior alusão a saberes oriundos da esfera acadêmica, tendo em vista o contexto diverso daquele da recente transição do regime da ditadura para um contexto em que se aspirava à democracia.

Considerações finais

Além de ratificar a relevância de elementos não verbais oriundos do horizonte social amplo, bem como do contexto imediato de comunicação na construção de sentido das polêmicas aberta e velada, este trabalho visou estabelecer contornos científicos que determinassem a constituição dessas duas formas de refração discursiva. A despeito de Bakhtin (2008 [1963]) considerar tênues os limites entre ambas, entendemos que a PA se constitui por meio de elementos claramente identificáveis no plano linguístico, quer seja pelo discurso citado indireto, adjetivação/nomeação ou uso de conjunções de valor concessivo, recursos que, aliados à entonação enfática ressaltam a explicitação da polêmica.

Em contrapartida, a PV não encontra propriamente limites sintáticos precisos, mas, por meio da bivocalidade semântica contrastiva, congrega posicionamentos axiológicos díspares, caracterizados pela bivocalidade ou plurivocalidade discursivas. Ressalte-se, então, a importância de se considerar a PA e PV não como refrações

justapostas, mas em plena relação dialógica. Em outras palavras, a PA com tons de PV sinaliza a mobilização de um conteúdo referencial com o propósito de fundamentar o embate de vozes entabulado, por exemplo, por meio de um discurso citado indireto, em que a voz a ser refutada é aquela inserida no discurso do locutor. Por outro lado, PV com tons de PA implica a instauração de polêmica aberta, quer por meio da adjetivação, quer por meio do discurso citado, com o propósito de instaurar uma bivocalidade contrastiva em relação a um mesmo objeto de sentido.

Por fim, é preciso ressaltar que o predomínio de PV com tons de PA no programa realizado em 1996 reflete o horizonte social amplo caracterizado por contradições: a adoção de mecanismos de contenção da inflação e a consequente perspectiva de estabilidade econômica, bem como a emergência de políticas públicas de caráter assistencialista, que ainda não solucionavam os graves problemas sociais no país. Daí a refração polêmica velada em relação ao papel do intelectual nesse contexto: retrair-se para suas reflexões, ater-se às análises teóricas ou engajar-se em lutas sociais? Já o predomínio da PA com tons de PV no contexto da segunda metade dos anos 1980 reflete os contornos ideológicos contrários a uma política governamental pautada por forjar na mídia o “Tudo pelo social”, quando na prática configurava-se “a pauperização do social”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1952-53]. p. 261-306.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo: HUCITEC, 2004 [1929].

CAPARELLI, S. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

DAGNINO, E. (Org.) *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004 [1996].

JORDÃO, F. P. *Dossiê Herzog: prisão, tortura e morte no Brasil*. São Paulo: Global, 1979.

LEAL FILHO, L. *Por trás das câmeras: relações entre Cultura, Estado e Televisão*. São Paulo: Summus, 1988.

LIMA, J. C. *Uma história da TV Cultura*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2008.

MATTOS, S. A. S. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2009.